

Boa noite!

É com grande satisfação e orgulho, contrabalançados pelo peso da responsabilidade que os acompanha, que estou aqui hoje, para tomar posse como reitor, nesta cerimônia que dá início à décima segunda reitoria da Unicamp.

Nossa universidade é muito jovem. Completou recentemente 50 anos. Apenas dois a mais do que este professor, a quem cabe agora trabalhar por ela, aprender com ela, contribuir para a sua consolidação.

A juventude da nossa universidade e a medida do seu enorme progresso em tão curto tempo são atestadas de uma forma simples: pela constatação de que há aqui hoje, nesta cerimônia, diversas pessoas que a viram nascer. De fato, há ex-alunos das primeiras turmas, há professores e funcionários que aqui chegaram quando este *campus* era um descampado sem árvores e com poucos edifícios. A eles, como também aos que já não estão entre nós, devemos muito. E uma coisa que devemos é a consciência da nossa responsabilidade em continuar o trabalho que fizeram e ainda fazem pela universidade e pela sociedade que a mantém, é o nosso sentimento de pertencimento a uma comunidade empenhada no bem comum, na melhoria e no crescimento da Unicamp.

Creio que a maior parte das pessoas que há vários anos trabalham ou trabalharam na Unicamp têm com esta universidade uma relação que vai além do escopo meramente profissional. Porque, justamente pela sua juventude, é fácil sentir que a universidade é, em certo sentido, mais do que fruto do nosso trabalho, nossa contemporânea.

Eu mesmo tenho essa sensação, pois a Unicamp não só foi uma presença constante na minha vida, desde a infância, mas ainda tive a honra de ter conhecido todos os seus ex-reitores, cuja linha de sucessão integro neste momento e aos quais formalizo aqui a minha homenagem.

Nasci na Argentina e, quando tinha oito anos de idade, em 1976, meu pai, o psicanalista Maurício Knobel, foi expulso pela recém-implantada ditadura militar – sob a acusação de atividades subversivas – da cátedra na qual era titular na Universidade de Buenos Aires.

Diz a sabedoria popular que uma porta se fecha e outra se abre. Nem sempre é verdade. Mas nesse caso sim, porque nesse mesmo ano meu pai foi convidado por José Aristodemo Pinotti, que era então diretor da Faculdade de Ciências Médicas, e pelo reitor Zeferino Vaz, para organizar o Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Unicamp. Em consequência, minha família mudou-se para Campinas, com a intenção inicial de ficar apenas dois anos. Nessa época conheci o Prof. Zeferino e o Prof. Pinotti, com quem estabelecemos uma relação de amizade familiar duradoura. Posteriormente conheci também o Prof. Plínio Alves de Moraes, que sucedeu na reitoria ao Prof. Zeferino.

Mas foi aos 17 anos que me tornei de fato parte da comunidade da Unicamp, para além das relações familiares, pois ingressei no Curso de Bacharelado em Física. Para desespero de meu pai – devo dizer –, pois ele queria que eu seguisse carreira na área da Saúde e até tentou dissuadir-me. Usou, porém, uma estratégia errada: levou-me para conversar com o Prof. Rogério Cerqueira Leite, notável cientista da área da Física e importante personagem na história da Unicamp. Já se vê que o efeito só podia ser o oposto do que ele esperava! Escolhi o curso por curiosidade, sem saber direito o que iria estudar, como acontece com muitos alunos, mas já no primeiro semestre percebi que era aquilo que eu queria para a minha vida, pois a Física seria um caminho para eu entender a natureza.

No ano em que entrei (1986) a Unicamp estava em um momento de escolha de novo reitor, fato que me marcou bastante! Tive aula de “Estudos de Problemas Brasileiros” com o Prof. Rogério, que era candidato. Entretanto, o escolhido foi o Prof. Paulo Renato, com quem posteriormente

também tive bastante contato por vários motivos. Um deles é que eu comecei a atuar no movimento estudantil, participando do Centro Acadêmico da Física e de chapas para o DCE. Além disso, fiquei muito amigo do Luiz Gustavo dos Santos, o Tatá, filho do Prof. Irineu, que atuava naquela gestão.

E aqui, antes de prosseguir, gostaria de abrir um parêntese para homenagear esse amigo querido, a quem tanto devo e de quem tenho muitas saudades.

E já que o assunto é homenagem e agradecimento, quero registrar que logo no início da graduação tive aula de laboratório com a professora Reiko Sato, com quem fiz a iniciação científica e o doutorado, trabalhando com nanocristais magnéticos, área na qual segui toda a minha carreira na física. Dela guardo o exemplo da extrema dedicação de uma verdadeira professora, cujo exemplo procurei seguir ao longo da vida. E por isso, quebrando o protocolo de um discurso desta natureza, queria logo dizer: um beijo, Reiko! E obrigado por tudo!

Voltando agora ao fio da narrativa, quando ingressei no Mestrado, em 1990, houve uma nova campanha para a Reitoria. Já familiarizado com a instituição e suas instâncias políticas e administrativas, envolvi-me, nesse momento, mais diretamente na campanha do Prof. Carlos Vogt, participando de debates e até ajudando a panfletar pela Universidade. Com o Vogt tive posteriormente diversas oportunidades de colaborar academicamente, e ele se tornou um verdadeiro conselheiro e amigo.

No que diz respeito à minha própria carreira acadêmica foi também em 1992 que minha orientadora resolveu se aposentar e sair da Unicamp. O que me obrigou a me apressar, de modo que acabei fazendo o Doutorado direto, em 3 anos.

Finalmente, depois de dois anos no exterior em estágios de pós-doutorado, prestei concurso e, aos 27 anos, tive a honra de continuar a pertencer à Unicamp, agora como professor.

Desde então tenho atuado tanto no ensino e na pesquisa, quanto na divulgação científica. É que me tornei cientista por gostar de livros e de revistas de divulgação científica. E por isso acredito que devemos incentivar as novas gerações a pensar criticamente, a ter curiosidade, a buscar desvendar os mistérios que nos cercam. E por isso também acredito que a divulgação das ciências, no sentido mais amplo, é o caminho que o Brasil precisa para estimular jovens talentos, porque sem eles não teremos futuro...

Quando ingressei na Unicamp como professor, estávamos na gestão do Prof. Martins, que eu também conhecia há muito tempo, pois havia sido meu pediatra quando nos mudamos para Campinas. Mas foi apenas na gestão do Prof. Hermano Tavares que comecei a dar meus primeiros passos na carreira administrativa na Universidade, primeiro como Coordenador associado de graduação na Física, e posteriormente como coordenador do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri).

Na gestão do Prof. Brito iniciamos as discussões e o desenvolvimento do Museu Exploratório de Ciências. Foi um momento estimulante, de desenvolvimento de projeto, e de consolidação de uma relação de colaboração e amizade que datava do período em que ele foi diretor do IFGW.

O Museu de Ciências posteriormente se consolidou na primeira gestão do Prof. Tadeu, com a qual também colaborei organizando o encontro anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 2008.

Já em 2009, o Prof. Fernando Costa, que eu praticamente não conhecia, me ofereceu uma enorme oportunidade de ação, ao confiar-me a pró-

reitoria de graduação. Foi uma experiência incrível ter participado dessa gestão, na qual conseguimos realizar muitos projetos com uma ótima equipe. E estou seguro de que os anos de trabalho à frente dessa reitoria permitiram-me um aprendizado que será muito útil neste novo desafio.

Finalmente, na gestão que hoje se encerra atuei como representante docente no Consu.

Neste momento em que se dá a transmissão do mandato, quero expressar o meu sincero agradecimento ao Prof. José Tadeu Jorge pela total colaboração nas ações necessárias à transição. E este agradecimento se estende, é claro, a toda a sua equipe, aos seus assessores diretos e aos demais funcionários da reitoria.

Para finalizar este breve relato do entrelaçamento da minha vida com a vida a Unicamp, quero agradecer ainda uma vez a todos os que fazem desta universidade o que ela é. Agradeço, pois, aos funcionários que me auxiliaram, com dedicação e carinho, em todos os momentos da minha vida na Unicamp. Agradeço aos ex-professores, muitos deles presentes nesta cerimônia de hoje, que contribuíram de maneira fundamental para a minha formação. Agradeço aos amigos, de todas as áreas, que fiz ao longo dessa jornada, muitos também aqui presentes hoje, e que realmente são a parte mais valiosa da minha vida.

Todos esses amigos e amigas da Unicamp foram representados hoje pelos professores eméritos que me acompanharam até a mesa. O Professor Adil Samara, da FCM, e o Professor Cylon Gonçalves da Silva, do IFGW. Conheci o Professor Cylon ainda durante a minha iniciação científica, quando participei de um encontro sobre o projeto do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, que naquele momento parecia uma ideia mirabolante. Ele me ensinou, junto com tantos outros, a acreditar em um sonho, e a

trabalhar duro para que se concretize. Já o Professor Samara conheço desde criança, pois ele e sua esposa Leila eram muito amigos de meus pais. Da convivência intensa que tivemos, guardo ainda a preocupação que ele tem com a educação pública de qualidade. Ambos aqui representam o legado de grandes professores e profissionais que temos a obrigação de honrar e cujo trabalho devemos continuar.

Naturalmente, quero agradecer à minha família.

À minha mãe Clara, aqui presente, que sofreu imensamente com a emigração, com a separação tão precoce de metade dos filhos, e com a mudança tão drástica da vida. Hoje, 41 anos após a chegada a Campinas, ela pode ter certeza que nada é por acaso – e agradeço por tudo o que ela fez e ainda faz por mim.

Agradeço aos meus irmãos e familiares, de Florianópolis, Buenos Aires e Barcelona, que mesmo distantes, estão presentes aqui hoje, em meu coração.

Quero agradecer especialmente à minha esposa Keila, que sempre me apoiou, mesmo em decisões difíceis como esta de me candidatar a Reitor em um momento tão delicado para a Universidade. Ela é certamente a minha base de sustentação, e merecedora de todas as verdadeiras declarações que surgem nestas situações e que só não repito porque se tornaram clichês e não corresponderiam à força do meu sentimento.

Também quero agradecer aos meus filhos, Ivan e Sara, pela torcida, apoio incondicional, carinho, companheirismo. Eles são a minha alegria e a minha fonte de energia revigorante, quando chego em casa muitas vezes esgotado – e serão, portanto, parte fundamental desta gestão! Amo vocês!

Meu agradecimento à Profa. Teresa Atvars, uma trabalhadora incansável, uma pessoa íntegra e generosa, a primeira mulher a ocupar a Coordenadoria Geral da Universidade. Foi uma honra tê-la como

companheira de chapa e de todos os trabalhos que nos trouxeram até aqui. E é uma honra poder dividir com ela os próximos quatro anos à frente da administração da Unicamp.

Agradeço a todos os colaboradores que direta e indiretamente trabalharam conosco, acreditaram na nossa disposição, nos ajudaram a elaborar a proposta de gestão e a difundi-la junto à comunidade.

E agradeço de antemão a todos aqueles que se dispuserem a trabalhar nesta gestão, em prol da Universidade Pública e seu compromisso com a Sociedade.

Por fim, quero deixar aqui registrado um agradecimento a meu pai. Muitos, muitos mesmo, que tiveram a oportunidade de conviver com ele me disseram o quão orgulhoso ele estaria neste momento. Não tenho dúvidas disso, e tenho pensado nisso todos os dias. Com ele aprendi a amar a Universidade, o que ela representa; e a amar a esta universidade em particular, a Unicamp. Aqui, com muitas saudades, na presença de minha mãe e de dezenas de seus amigos, tenho plena certeza que de alguma maneira ele está presente, e será a minha inspiração para os anos que virão.

Meu pai trabalhava com adolescentes, e sua contribuição teórica mais relevante foi a descrição da “Síndrome da adolescência normal”, ou seja, foi compreender e demonstrar que os todos sintomas “estranhos”, coisas da juventude, eram normais. Estranho seria se os adolescentes não os tivessem!

Lembrei-me disso quando pensava a nossa universidade, ao longo da campanha. E por isso queria agora fazer uso de suas palavras para expor, figuradamente, alguns dos meus pontos de vista sobre a tarefa que nos cabe. Diz Maurício Knobel:

“Deliberadamente aceito a contradição que significa o associar síndrome, que implica entidade clínica, com normalidade, que significaria

estar fora da patologia. Entretanto, o convívio social e nossas estruturas institucionais fazem-nos ver que as normas de conduta estão estabelecidas, manejadas e regidas pelos indivíduos adultos da nossa sociedade. É sobre esta intercorrelação de gerações, e desde o ponto de vista regente e diretivo, que podemos, e creio eu que devemos, estar capacitados para observar a conduta juvenil como algo que aparentemente é seminormal ou semipatológico, mas que, entretanto, frente a um estudo mais objetivo, desde o ponto de vista da psicologia evolutiva e da psicopatologia, aparece realmente como algo coerente, lógico e normal.”.

É claro que somos adultos e responsáveis, como indivíduos aqui empenhados numa obra comum. Mas de certa forma a nossa universidade está ainda da adolescência, no que diz respeito à história e ao itinerário traçado pelas grandes universidades do mundo. De modo que eu acredito que, nesse sentido, é normal que passe por momentos mais críticos, é normal que tenha crises, hesitações, momentos de angústia. Então, como disse meu pai em seu trabalho memorável, o importante é utilizar a crise para o desenvolvimento, para o crescimento. E concluo esta postulação, voltando às palavras dele:

“esta maneira de encarar o problema permite aceitar os desajustes e desencontros, valorizá-los com maior correção e utilizar o impacto de gerações, não como fonte de conflitos negativos, mas como um encontro inquietante que facilite o desenvolvimento da humanidade.”

Essa será a tônica da nossa gestão: aceitar os desajustes e desencontros não no sentido de deixar que continuem, mas no sentido de não os ignorar, de não buscar culpados ou salvadores, mas sim de, compreendendo a sua origem, promover, por meio do debate, o encontro de opiniões e a

elaboração de processos para superá-los de forma positiva e produtiva. Porque o saldo das qualidades da nossa universidade é imensamente maior do que o débito dos seus problemas.

De fato, com meio século de existência a Unicamp se destaca em todas as áreas acadêmicas – no Brasil e no exterior – como referência na produção de conhecimento e na formação de pessoas. E o empenho da comunidade, a sua união quando algum momento crítico foi claramente exposto e sentido, sempre foi notável e produziu a superação dos obstáculos.

É verdade que o momento é muito grave. Estamos diante de uma enorme crise financeira, com reflexo na vida dos que aqui trabalham e estudam. E há também uma crise política, que cria antagonismos, e produz reflexos na imagem da Universidade perante a opinião pública e nas nossas condições de trabalho.

É preciso agora que todos nos concentremos no mais importante: defender a universidade pública, gratuita, de excelência e com autonomia, apta a atender com qualidade às demandas da sociedade, produzindo conhecimento e formando pessoas comprometidas com a constante atualização do conhecimento, com a democracia e com a justiça social.

Para isso, é necessário que a nossa universidade seja sempre um ambiente marcado pela valorização da multiplicidade de opiniões sobre os vários aspectos da vida acadêmica e, sobretudo, pautado pelo respeito mútuo entre todos os que aqui convivem. Porque é só exercendo a livre circulação da informação e promovendo a universidade como um lugar estimulante, desafiador, criativo, dinâmico e humano, que a tornaremos capaz de superar os impasses e os desafios.

De nossa parte, estaremos sempre empenhados em resgatar a participação das pessoas, valorizando suas ações por meio de uma gestão flexível, ágil, colegiada e institucional.

A Unicamp do século 21 exige que sejamos solidários, dinâmicos, inovadores. E que tenhamos responsabilidade para a implementação de um projeto institucional acadêmico em sinergia com a sociedade. Seus diferentes setores demandam atenção da gestão universitária, para que possa, como instituição pública, responder pela formação de profissionais competentes e críticos, aptos a contribuir para uma sociedade mais justa, menos desigual.

A contínua inovação no ensino, na pesquisa e na extensão, por meio da valorização das culturas, dos conhecimentos, da interdisciplinaridade, da internacionalização, da sustentabilidade, de ações afirmativas, da inclusão social em todas as suas dimensões: esta deve ser a nossa missão, o nosso objetivo principal.

E, para isso, é preciso promover uma discussão profunda sobre o papel da graduação, da pós-graduação e da pesquisa, no qual a extensão (e, na área da Saúde, a assistência) deve ser mais efetiva e abrangente.

Não vou, entretanto, retomar agora o diagnóstico da crise, pois ele foi a tônica não apenas do nosso programa, mas também – por óticas diferentes – dos demais programas longamente debatidos com a comunidade. Basta dizer que uma das principais metas da nossa gestão será a busca do equilíbrio orçamentário. E que, conforme prometido, vamos de fato incorporar mais transparência e visibilidade na gestão e na divulgação dos resultados alcançados, para informar a todos os interessados, dentro e fora da nossa comunidade, sobre as consequências das decisões e das opções estratégicas da universidade.

Para finalizar, considerando o fato de que as Universidades públicas paulistas – USP, Unicamp e Unesp – estão entre as melhores universidades da América Latina, creio que devemos ter sempre em mente a necessidade de manter as condições que lhes permitiram tal desempenho. E uma delas é a autonomia financeira e de gestão.

Como todos sabem, no final dos anos 1980, o governo de São Paulo concedeu às suas universidades autonomia administrativa, o que acelerou o avanço rumo à excelência acadêmica. No período que se seguiu, essa autonomia resultou no aumento de vagas na graduação, na pós-graduação e nos colégios técnicos, na formação de um maior número de mestres e doutores, bem como na multiplicação das publicações científicas e no incremento da pesquisa inovadora e na ampliação da área de atendimento à saúde.

Defender, portanto, de todas as formas, a autonomia universitária é um imperativo sobre o qual há consenso entre todas as correntes de pensamento no interior da Unicamp, como pudemos ver ao longo dos debates da campanha. E, do nosso ponto de vista, uma das formas de fazer isso é não descuidar da obrigação de prestar contas à sociedade, que é quem financia as universidades públicas e os institutos de pesquisa. Mas prestar contas não apenas do ponto de vista da responsabilidade orçamentária, mas também por meio da exposição e divulgação sistemática dos objetivos da instituição universitária, da sua relevância de longo prazo, bem como dos seus resultados passados e presentes, no que diz respeito à formação de profissionais e à extensão dos serviços à comunidade.

Com a ajuda de muitos, construímos o programa de gestão “Universidade Pública, compromisso com a sociedade”. Suas linhas gerais giram em torno da ideia central de promover uma gestão institucional, acadêmica e financeira comprometida com a sociedade. Isso significa, do nosso ponto de vista, tornar a Unicamp mais inclusiva, democrática, transparente. Mas significa, acima de tudo, zelar pela herança que recebemos dos nossos antecessores, responder qualificadamente às demandas da sociedade que supre os recursos para a existência das universidades públicas e trabalhar incessantemente para fazer que a Unicamp seja uma universidade ainda mais destacada, em todos os

aspectos e campos de atuação, no quadro universitário do Brasil e do mundo.

Temos certeza de que todos os demais candidatos que se apresentaram à consulta para definir a reitoria da Unicamp foram movidos pelo mesmo espírito que nós. E a identificação de zonas de intersecção dos diferentes programas, sobre as quais será agora possível construir as bases de uma ação em prol da universidade, permite-nos conclamar a todos – independentemente das posições assumidas durante a campanha – para que se juntem a nós no compromisso com a defesa, a renovação e o avanço da Unicamp.

Muito obrigado.

Marcelo Knobel
19 de abril de 2017